

Barbaridade versus Humanitas no Principado Romano: a política e a construção da imagem do imperador Heliogábalo (século III EC)⁹²

Semíramis Corsi Silva⁹³

Resumo: Heliogábalo foi um jovem imperador da dinastia dos Severos e governou o Império Romano entre 218 e 222 EC, tinha origens siríacas, era filho de pai e mãe sírios, nasceu e foi criado na Província da Síria até se tornar imperador romano. As representações das práticas políticas e religiosas deste imperador aparecem com forte carga negativa nos textos de seus contemporâneos, enfatizando o que era considerado como barbaridade pelos escritores de meados do século III EC. Diante desta observação, este artigo objetiva analisar aspectos da imagem de Heliogábalo ligados à sua identidade cultural refletida em suas práticas políticas como imperador. Utilizarei, para isso, textos de Dião Cássio (*História Romana*), Filóstrato (*Vida de Apolônio de Tiana e Vidas dos sofistas*) e Herodiano (*História do Império Romano*). Buscarei mostrar como tais escritores defenderam a existência de uma ordem imperial romana formada pelo reconhecimento de um espaço discursivo comum entre os grupos das elites do contexto do Principado, baseada, por sua vez, em elementos da construção de uma identidade cultural greco-romana (*Humanitas*) que Heliogábalo, definitivamente, ultrapassou.

Palavras-chave: Heliogábalo, Barbaridade, *Humanitas*.

Barbarity versus Humanitas in the Roman Principate: the politics and the construction of the image of the emperor Heliogabalus (3rd century CE)

Abstract: Heliogabalus was a young emperor of the Severan dynasty and ruled the Roman Empire between 218 and 222 CE, he had Syriac origins, he was son of father and mother Syriac, he was born and he was raised in the Province of Syria until becoming Roman emperor. The representations of the political and religious practices of this emperor appear with a heavy negative charge in the texts of his contemporaries, emphasizing what was considered as barbarity by the writers of the middle of the third century CE. This paper aims to analyze aspects of the image of Heliogabalus linked to his cultural identity, reflected in his practices as emperor. I will use texts of Cassius Dio (*Roman History*), Philostratus (*Life of Apollonius of Tiana and Lives of the Sophists*) and Herodian (*History of the Roman Empire*). I shall try to show how such writers defend the existence of a Roman imperial order formed by the recognition of a discursive space common among the elites' groups in the context of the Roman Principate, based on elements of the construction of a Greco-Roman cultural identity (*Humanitas*) which Heliogabalus, definitely, surpassed.

Keywords: Heliogabalus, Barbarity, *Humanitas*.

⁹² Este artigo faz parte da pesquisa pessoal da autora dentro do projeto de pesquisa guarda-chuva *Barbaridade: identidades e alteridades em representações do outro por escritores romanos*. Tal projeto encontra-se em desenvolvimento desde 2015 na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM pela autora e pelos estudantes membros do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrâneo da UFSM – GEMAM/UFSM. O projeto em questão conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS, através do Edital 01/2017- Auxílio Recém-doutor – ARD.

⁹³ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Franca. Pesquisadora do G.LEIR/UNESP-Franca, do NEAM/UNESP, do ATRIVM/UFRJ, do NECH/PUC-GO e do LEIR/USP. Pesquisadora e Coordenadora do GEMAM/UFSM e do Grupo de Trabalho História Antiga da ANPUH/RS – GTHA-RS (gestão 2016-2018). E-mail: semiramiscorsi@yahoo.com.br

Introdução

Heliogábalo foi um jovem imperador romano de origens siríacas, filho de pai e mãe sírios (DIÃO CÁSSIO, *História Romana*, LXXIX, 30, 2), nascido e criado na Síria até se tornar imperador romano.⁹⁴ Foi membro da dinastia dos Severos, que governou o Império Romano entre 193 e 235 da era comum. Seu governo durou de 218 a 222 e, embora em um curto período de tempo no comando do Império Romano, sua imagem foi retratada e lembrada em diversos documentos textuais do próprio período de forma extremamente negativa.⁹⁵ Descendente da família severiana por parte da esposa do primeiro imperador da dinastia, a princesa síria e imperatriz romana Júlia Domna, esposa de Septímio Severo, Heliogábalo teve seu poder transmitido de forma matrilinear. Era filho da também princesa síria Júlia Soemias, filha de Júlia Mesa, a irmã da imperatriz Júlia Domna.

De maneira geral, os autores greco-romanos dos textos sobre Heliogábalo que chegaram até nossos dias desenvolveram suas críticas apoiados em elementos de seu governo e práticas político-religiosas ligadas à sua identidade cultural considerada bárbara e elementos e imagens ligados às representações de gênero e usos dos prazeres sobre o imperador. Sobre estes últimos elementos, os textos irão frisar uma imagem de Heliogábalo considerado feminino e seu comportamento sexual e amoroso mais semelhante ao que era considerado próprio de mulheres naquele contexto: a submissão, o descontrole e o excesso. Os textos ainda aludem a uma suposta tentativa de cirurgia destinada à elaboração de uma vagina em seu corpo.⁹⁶

⁹⁴ Segundo Dião Cássio (*História Romana*, LXXIX, 30, 2), seu pai era de Apamea, na Síria, da mesma raça da mãe.

⁹⁵ A ideia de estudar Heliogábalo surgiu a partir da minha tese de doutorado, apresentada na Universidade Estadual Paulista – UNESP/Franca, em 2014, quando defendi que elementos de identidade cultural eram essenciais para a manutenção da ordem imperial romana no contexto dos Severos por meio do estudo das obras de Flávio Filóstrato. Na mesma ocasião tive contato também com os textos de Dião Cássio e Herodiano sobre o período severiano (193-235 EC). Ainda durante meu doutoramento, percebi a negligência que Heliogábalo tem recebido da historiografia. Não há muitos estudos sobre Heliogábalo internacionalmente, pelo menos se comparado a vários outros imperadores do Principado, e, pelo que me consta, ainda não havia pesquisas sobre ele no Brasil.

⁹⁶ Conta Dião Cássio (*História Romana*, LXXX, 17, 1) que Heliogábalo buscou médicos por todo o Império que pudessem fazer nele uma vagina. Tal ato tem sido interpretado por estudiosos como sendo parte das cerimônias de iniciação ao culto ao deus solar Elagabal de Emesa, do qual o imperador era sacerdote. Sobre isso ver: ICKS, 2015; TEIXEIRA 2008. Corroborando tais historiadores, acrescento à interpretação sobre a ideia trazida por Dião Cássio, a observação de que a mesma mostra como as práticas religiosas de Heliogábalo eram totalmente estranhas e bárbaras para homens como o escritor. Portanto, para mim, as representações de gênero depreciativas de Heliogábalo estão ligadas também à sua identidade cultural e à visão negativa de suas práticas político-administrativas por aristocratas como Dião. Minha visão de questões de gênero, dessa forma, não está isenta de uma interpretação das encenações e representações do mesmo no âmbito da política e das relações de poder e governabilidade, como bem indica a historiadora Joan Scott (1995), ao propor o uso do gênero como categoria de análise histórica.

Neste texto, especificamente, analisarei aspectos de sua imagem ligada à questão da barbaridade. Neste caso, não focarei aqui na análise sobre seus usos dos prazeres e aspectos de gênero tão marcantes na documentação textual sobre este imperador. Portanto, viso analisar aspectos de sua identidade cultural refletidos em suas práticas político-administrativas, que podem ter incomodado tanto os escritores contemporâneos do imperador, a saber: Dião Cássio, Filóstrato e Herodiano. Feita tal análise, irei propor aspectos importantes para a compreensão destas críticas.

Cumprer destacar que como *identidade cultural*, estou compreendendo a representação de si ou de um grupo enquanto pertencente a um conjunto de pessoas com valores e características culturais compartilhadas. Considero que a construção das identidades sempre perpassa a visão do *eu/nós* em oposição ao *outro* ou aos *outros* grupos (CARDOSO, 2003; SAID, 2007). Assim sendo, as construções das identidades culturais sempre devem ser percebidas em seus aspectos relacionais.

É importante destacar também que, para a interpretação que será feita neste artigo, estou corroborando uma historiografia que percebe a existência de uma cultura das elites no Império Romano, formada especialmente por elementos culturais gregos e romanos em interação. Seguindo esta historiografia, defendo que durante o Império foi construída uma identificação greco-romana entre os grupos privilegiados, identificação essa que foi um fator de coesão e ordem no mundo imperial romano, embora as culturas dentro do Império fossem muito mais plurais que isso e em cada região tão cultura de elite se hibridizasse de diferentes formas e ritmos. Dentre os historiadores que trabalham com tal percepção cito Greg Woolf (1998), Janet Huskinson (2000) e Andrew Wallace-Hadrill (2008), por exemplo.

Neste sentido, Janet Huskinson (2000) analisa a existência de uma cultura das elites no Império Romano, formada por elementos gregos e romanos em interação. Dessa forma, para a estudiosa, se construiu uma identificação greco-romana entre grupos privilegiados que foi um fator de coesão no Império Romano, embora as culturas dentro do Império fossem muito mais que isso. Sua proposta é perceber como se operacionaliza uma unidade no Império Romano sem destruir as diversidades. Sendo assim, a estudiosa se utiliza dos termos *grego* e *romano* para definir as identidades em questão, mas reconhece uma cultura greco-romana das elites. No entanto, para a autora, a diversidade de outras identidades e a forte presença de tradições culturais por todo Império cria variações locais. Embora a proposta da autora seja interessante em muitos aspectos, percebo que Huskinson (2000), nos dois textos de sua autoria que compõem o livro que

ela própria organiza, trabalha com a ideia de que apenas Roma emana cultura, incorporando tradições gregas.

Assim como Huskinson (2000), Andrew Wallace-Hadrill (2008) acredita em uma espécie de identificação das elites, algo não natural ou étnico, mas construído em uma relação dinâmica da cultura romana com a cultura grega, especialmente, e também com as demais culturas imperiais. Wallace-Hadrill (2008), ao analisar as transformações da cultura romana na Península Itálica, defende que há a convivência de diferentes culturas dentro do Império Romano em uma pluralidade, certas vezes com identidades conflituosas, certas vezes com identidades paralelas. Ademais, o autor questiona os próprios sentidos do que era ser romano, o que para ele é visto como uma identificação que muda com o tempo.

Embora não refletindo sobre a questão identitária, mas sobre os grupos sociais, o famoso epigrafista húngaro Gèza Alföldy (1989: 146), traz uma visão que corrobora os autores citados ao refletir sobre os grupos das elites urbanas do Império, escrevendo que eles “eram os representantes por excelência dos ideais e costumes romanos, preservando assim a unidade do Império Romano” e sua ordem.

Como ordem imperial romana, por sua vez, pela leitura de Ramsay MacMullen (1966) sobre quem eram os inimigos da ordem romana, reconheço que a ordem é a estabilidade político-administrativa do Império. Diante disso, acredito que havia vários elementos que deveriam ser buscados a fim de garantir tal estabilidade, um deles era o reconhecimento e a aceitação de “significados compartilhados” pelos grupos das elites imperiais no âmbito das relações político-culturais em meio à diversidade cultural (HUNSKINSON, 2000: 07). Nesse sentido, mecanismos e estratégias variadas foram criados, recriados, incorporados e negociados para o controle das inquietações de diversas naturezas, para a criação de discursos em comum entre grupos das elites e, conseqüentemente, para a manutenção da ordem. Destaco o papel de escritores como Filóstrato, escritor grego e um dos autores que serão analisados neste artigo em relação a Heliogábalo. Filóstrato nos apresenta sua ideia sobre o que é *ordem* (κόσμος – *kósmos*) nas palavras de Apolônio de Tiana, biografado por Filóstrato, ao imperador Domiciano (VA, VIII, 7, 7):

Nós devemos compreender a ordem que é dependente da criação divina sobre tudo que há no céu, na terra e no mar, em tudo o que os humanos tomam parte, exceto infortúnio. No entanto, também existe a ordem dependente do homem de bem, que não excede os limites de sua

sabedoria e que também vós, imperador, reconheceis que requer um homem feito à imagem e semelhança divina.

E qual a forma dessa ordem? As almas indisciplinadas se voltam enlouquecidas contra toda forma de organização. As leis são inoperantes, não há tipo algum de moderação, os deuses se veem desonrados, amam a mentira e a indolência, cresce a preguiça, má conselheira de qualquer ação [...]. Assim, necessita-se de um homem que coloque ordem nas almas, um homem que se apresente como um deus por sua sabedoria.

A ordem, para Filóstrato, é a harmonia viabilizada por meio de leis e de um bom e moderado administrador, no caso o imperador romano. Esse administrador deve ser auxiliado por um homem sábio, que por sua sabedoria e formação cultural – ou seja, sua *paideia* – se eleva a si próprio e ao imperador, transformado este também em sábio e em algo próximo ao divino. Concluindo, para que a ordem romana seja estabelecida em seus múltiplos aspectos, é necessária, ao lado do imperador de Roma, a participação de sábios como Apolônio, projeção de Filóstrato e de seus sofistas, em diferentes funções. Portanto, o que dá unidade e ordenamento é, em Filóstrato, o imperador romano e a cultura grega.

Diante destas reflexões, é importante salientar, como mostrou Paul Veyne (2009: 8), que o imperador romano era legitimado na prática, especialmente, por um acordo consensual entre exército e Senado. Era importante, então, que os imperadores buscassem a todo o momento afirmar sua legitimidade, criando estratégias chamadas pelo historiador citado de *ideologia do consenso*.

É sabido que Heliogábalo chegou ao poder em 218 após um possível complô conhecido pelas fontes como tendo sido organizado por sua avó, Júlia Mesa, com a ajuda do exército. Este complô envolveu o assassinato do usurpador do governo da dinastia dos Severos, o então imperador Macrino (217-218), e a retomada do poder da dinastia severiana. Desde as primeiras medidas tomadas com a ascensão de Heliogábalo, já temos os autores dos textos trabalhados neste artigo insatisfeitos com o jovem *princeps*, que acende ao cargo com apenas catorze anos e começa uma série de medidas político-administrativas que não os agradam. Portanto, ao que parece, ainda que o exército tenha conseguido fazer o imperador e o Senado tenha aceitado, estabelecendo assim um acordo do qual os imperadores eram fruto, este *consensus universonum* permanece aberto para alguns grupos das elites.

Logo que Heliogábalo é aclamado imperador, ele passa a se chamar Marco Aurélio Antonino, em referência a Caracala, imperador severiano seu antecessor e cuja paternidade é alegada para Heliogábalo (HERODIANO, *História do Império Romano*, V,

3, 10; DIÃO CÁSSIO, *História Romana*, LXXIX, 32; 2-3), possivelmente, como forma de legitimação de seu governo.

Assim sendo, houve estratégias da corte severiana no sentido de legitimar e dar governabilidade para Heliogábalo. Porém, acredito que as práticas políticas de Heliogábalo, muito envolvidas com sua religiosidade e seus costumes síriacos, não agradavam alguns homens das elites como Dião Cássio, Filóstrato e Herodiano, não sendo estabelecido da forma necessária o espaço para o consenso durante seu governo, o que pretendo mostrar neste texto.

A fim de atingir os objetivos aqui propostos, analisando a documentação dentro da proposta definida acima, que visa relacionar aspectos das construções discursivas sobre Heliogábalo em relação às suas práticas de governo, ligadas, por sua vez, à sua identidade cultural bárbara e à ordem imperial romana, apresentarei a seguir algumas informações importantes em torno do imperador Heliogábalo, bem como sobre os escritores que lhe foram contemporâneos. Estes escritores, por escreverem sobre o imperador de forma extremamente negativa, serão aqui chamados de seus detratores.

Heliogábalo e seus detratores

O nome de nascimento de Heliogábalo é Vário Avito Basiano, mas ele passou a chamar-se Marco Aurélio Antonino, como já mencionado, quando foi aclamado imperador. O nome latinizado *Heliogabalus*, na tradução Heliogábalo, vem de uma tradição tardia, como vemos na *Vita Heliogabali*, da *História Augusta*, e faz referência a Elagabal, o deus solar de sua cidade natal Emesa na Síria, deus ao qual ele foi um fiel sacerdote e elevou o culto para além dos limites do que era aceito pela elite da cidade de Roma, como interpreto, o que o marcou a ponto de ele ficar conhecido desta forma a partir do século IV EC.

Sobre os escritores dos textos analisados neste artigo, sabemos que Dião Cássio nasceu em Niceia (Bitínia), foi um historiador e homem público da ordem senatorial que residiu em Roma. Foi governador de províncias, tendo uma importante carreira política.

Em relação à dinastia dos Severos, sabemos que Dião Cássio fez parte da corte imperial severiana e recebeu diversos prestígios políticos sob o governo de Heliogábalo (218-222) e Severo Alexandre (222-235), os dois últimos imperadores da dinastia, chegando a dividir o consulado com este último em 229, sendo o segundo consulado do historiador. Dião foi também um dos *amici* (conselheiros) de Alexandre Severo (CROOK, 1975: 91), mostrando claramente suas boas relações e o fato de ser

extremamente favorável a este imperador no final de sua obra (*História Romana*, LXXX, 5).

A obra de Dião, *História Romana*, é organizada em oitenta livros que cobrem da fundação de Roma até meados do governo de Severo Alexandre, quando Dião encerra a obra, mostrando estar doente e retornando para sua terra natal na Bitínia. *História Romana* é fortemente marcada pelos valores senatoriais de Dião Cássio. A obra foi escrita e dada a ler, possivelmente, entre a morte de Heliogábalo em 222 e a do historiador em 230 (ARRIZABALAGA Y PRADO, 2014: 26).

Já o sofista e biógrafo Flávio Filóstrato nasceu por volta de 160 e 170 na Ilha de Lemnos, parte do território ateniense, e ficou conhecido pela tradição como um destacado sofista do período do Principado. Sua família estava entre as mais nobres de Atenas por volta dos séculos II e III, ocupando, segundo a epigrafia, posições importantes em Lemnos, em Atenas e também na cidade de Eritrai, na Jônia.⁹⁷

Conforme conta o próprio Filóstrato, ele fez parte de um grupo de escritores próximos da imperatriz Júlia Domna, esposa de Septímio Severo, mãe dos futuros imperadores Caracala e Geta e importante personagem na política romana nos governos de seu marido e de seu filho Caracala. É Júlia Domna quem Filóstrato diz ter-lhe pedido que escrevesse a obra sobre a vida de Apolônio de Tiana (*VA*, I, 3), por quem a família severiana parece ter rendido especial admiração (*VA*, VIII, 31; DIÃO CÁSSIO, *História Romana*, LXXVIII, 18, 4; *História Augusta*, Vida de Severo Alexandre, 29, 2).

Não há como precisar quando Filóstrato passou a viver em Roma, fazendo parte da corte severiana, mas, provavelmente, ele foi para a capital imperial a fim de ocupar alguma função próxima à corte. É certo que os sofistas tinham grande popularidade em Roma no período dos Antoninos e dos Severos, o que também pode ter motivado a ida de Filóstrato para a capital do Império.

Embora sem informação precisa da documentação sobre um possível cargo ocupado por Filóstrato junto à corte severiana, acredito nessa possibilidade tendo em vista que o sofista deixou sua região, onde possivelmente já ocupava cargos em troca de algo que, a seu ver, poderia ser melhor para sua carreira. Glen Bowersock (1969: 106-108) também registra que era muito comum sofistas de língua grega, frequentadores das cortes imperiais romanas, se tornarem *epistulis graecis*, função que este estudioso acredita ter

⁹⁷ As informações epigráficas sobre Filóstrato foram tiradas das análises de Bernadette Puech, estudiosa que catalogou e analisou textos epigráficos da documentação material referentes a sofistas gregos da época imperial romana no livro *Orateurs et Sophistes Grecs dans les inscriptions d'Époque Impériale* (2002).

sido uma das pretensões de Filóstrato junto aos Severos, possivelmente durante o período de Septímio Severo e/ou Caracala, quando Júlia Domna, de quem Filóstrato parece ter sido muito próximo, estava viva.⁹⁸

Estudiosos como Münscher, Bowersock (apud PUECH, 2002: 378) e Jaap-Jan Flinterman (1995: 26) acreditam que Filóstrato se estabeleceu em Atenas após a morte de Júlia Domna em 217, quando Macrino e depois Heliogábalo passam a governar. Tal hipótese pode ser considerada a partir da existência de uma estátua referindo-se a Filóstrato como sofista na cidade de Atenas.⁹⁹ Se realmente Filóstrato se afastou ou foi afastado da corte imperial após a morte de Júlia Domna, temos aqui um motivo pessoal para suas considerações negativas sobre Heliogábalo, o sucessor severiano. Não sabemos ao certo a data de morte de Filóstrato.

Já os aspectos biográficos do historiador Herodiano são bem menos conhecidos pela historiografia contemporânea, que parte da interpretação de sua própria obra para levantar alguns dados sobre o autor que viveu entre 180 e 250, aproximadamente. Um dos trechos debatidos em torno da biografia do escritor diz:

Mas eu escrevi uma história sobre os feitos posteriores à morte de Marco que vi e escutei durante toda a minha vida. E em alguns deles participei diretamente nos meus postos de serviço imperial e público (HERODIANO, *História do Império Romano*, I, 2, 5, grifo meu).

Diante da citação acima, temos que Herodiano ocupou cargos político-administrativos no Império, mas, possivelmente, cargos menores que Dião Cássio. Santo Mazzarino (1974, Apud GONÇALVES, 1996: 54) posiciona Herodiano como um liberto, o considerando um escritor de corte da época dos Severos, assim como acredito que devem ser considerados Dião e Filóstrato. Sobre a hipótese de Herodiano ter sido um liberto, podemos pensar na mesma uma vez que o autor se preocupa menos com as grandes questões de governo do que Dião Cássio, um senador, se atentando, por sua vez, mais do que Dião, em complexos aspectos de personalidades dos governantes.

Herodiano pode, ainda, ter sido um procurador equestre, o que talvez seja demonstrado pelo conhecimento que ele aparenta ter fruto de possíveis viagens, bem como por seu conhecimento de assuntos fiscais.

⁹⁸ Sobre a proximidade de Filóstrato com a imperatriz Júlia Domna, sugiro a leitura do primeiro capítulo de minha tese de doutoramento, intitulada *O Império Romano do sofista grego Filóstrato nas viagens da Vida de Apolônio de Tiana (século III d.C.)*. A tese encontra-se disponível em: <http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/tese-semiramis-corsi-silva-final-apos-defesa.pdf>. Acesso em: 21/10/2017.

⁹⁹ Sobre esta estátua ver: PUECH, 2002.

A origem do nascimento de Herodiano também é incerta, havendo autores que o remetem como nascido na Síria (MAZZARINO, 1974 Apud GONÇALVES, 1996: 54) e outros a alguma cidade da Ásia Menor, na região da Anatólia (CASSOLA, 1967, ROQUES, 1990, Apud GONÇALVES, 1996: 54; TORRES ESBARRANCH, 1985).

Certamente, a posição subalterna de Herodiano em funções político-administrativas, em relação a Dião Cássio e a Filóstrato, marcou seus escritos, o que destacou. No entanto, não devemos pensar a obra de Herodiano como refletindo valores das camadas populares, uma vez que como próximo à corte imperial, sua visão vai ao encontro de valores dos grupos das elites, especialmente dos senadores romanos. Para Leonardo Arrizabalaga y Prado (2014: 31), a diferença nas histórias de Dião Cássio e Herodiano está na profundidade dos detalhes de algumas informações e também no foco e no tom dos escritores, sendo que Dião traz mais informações que Herodiano sobre política e governo.

Em relação às descrições sobre Heliogábalo, para o historiador citado acima, Dião Cássio se foca mais em detalhes, o que ele interpreta por Dião ser mais próximo no tempo e no *status* social em relação ao imperador trabalhado neste artigo. Além disso, Arrizabalaga y Prado (2014: 33) nos atenta para percebermos que Herodiano acertou dizendo que Heliogábalo assumiu o poder aos catorze anos, mas errou dizendo que ele morreu aos seis anos de seu governo, já que o correto foi aos quatro anos de seu governo. Tal erro, talvez, advinha do fato de Herodiano ter escrito um pouco depois do governo de Heliogábalo, embora tenha sido seu contemporâneo, e mais distante da cidade de Roma e de informações mais precisas sobre o governo dos imperadores.

Herodiano escreveu a obra *História do Império Romano* entre os anos de 180 e 238, sendo que a mesma está organizada em oito livros cobrindo os governos de Marco Aurélio até o começo de Gordiano III. A escrita e publicação da obra de Herodiano, possivelmente, está marcada entre a ascensão de Gordiano III, o último imperador mencionado, e a morte de Herodiano entre 238 e 250.

Os três autores escreveram em grego, como era mais comum entre os escritores que advinham das regiões orientais do Império Romano. Todos os três refletem valores dos grupos das elites em relação à identidade greco-romana e a ordem imperial, como mostrei a seguir em relação aos juízos sobre Heliogábalo.

Barbaridade versus Humanitas e o governo de Heliogábalo

A criação do conceito de bárbaro (βάρβαρος – *barbaros*) surgiu entre os gregos antigos. Já nas obras atribuídas ao poeta Homero, *Iliada* e *Odisseia*, possivelmente do século VIII AEC, temos a percepção do que era ser bárbaro, embora a identidade grega em si estivesse pouco definida em tal contexto (HARTOG, 2004). Ser bárbaro nestas primeiras obras escritas em grego era aquele que não falava a língua dos helenos, como eram identificados os gregos.

De um critério linguístico, o termo passou a ser usado entre os gregos antigos para definir aqueles que não compartilhavam dos códigos de comportamento, dos valores e dos modelos ideais da cultura grega, com certa conotação negativa, embora muitas vezes os “saberes bárbaros” fossem valorizados nos testemunhos textuais, como vemos no escritor grego do período clássico Heródoto (*Histórias*), em certas passagens da obra de Filóstrato (*Vida de Apolônio de Tiana*) e, como bem mostrou o historiador Arnaldo Momigliano (1991).

Do modelo de bárbaro de Homero e Heródoto, as representações desse *outro* chamado de bárbaro foram sendo estendidas para todos que fossem diferentes da cultura grega e romana, como podemos ler nas obras de escritores do período imperial, como em Tácito (*Germânia*), por exemplo. Bárbaros (*gentes barbarorum*) passam a ser, em geral, aqueles que não compartilham da παιδεία – *paideia* grega e/ou da *humanitas* latina.

No pensamento romano das elites imperiais, a ideia de *humanitas* significava uma ética e uma cultura literária. Era a educação letrada recebida pelos membros das elites, que se caracterizava como a virtude de humanidade e o estado de civilização (VEYNE, 1992: 283). Esta *humanitas* se opunha, por sua vez, a *ferocitas*, estado considerado de barbárie.

Paideia/Humanitas era a forma de diferenciação na sociedade imperial romana, dividida entre educados (*honestiores*) e ignorantes (*humiliores*) (ANDERSON, 1989: 105), ou no grego: instruídos (πεπαιδευμένοι – *pepaideumenoi*) e não instruídos (ἰδιῶται – *idiotai* ou ἀπαίδευτοι – *apaideutoi*, aquele que não recebeu a *paideia*).

Podemos ver em Filóstrato que *pepaideumenoi* é aquele que recebeu a *paideia* grega (*VA*, III, 43). Esse fator também era o que aqueles homens instruídos sentiam diferenciá-los dos bárbaros (βάρβαροι – *barbaroi*). A diferenciação fica clara na passagem em que Filóstrato descreve Damis, o discípulo de Apolônio de Tiana: “A linguagem do assírio era medíocre, pois não tinha elegância de estilo, educado como foi entre os bárbaros [...]” (*VA*, I, 19). Assim também um homem grego podia tomar fama de bárbaro se fosse considerado ignorante (*VA*, I, 16). Portanto, como vemos, a

paideia/humanitas era algo que podia ser recebido através da educação e não, necessariamente, do local de nascimento de uma pessoa.

Sobre Heliogábalo como bárbaro, de acordo com a documentação textual, uma das primeiras coisas que Heliogábalo faz ao se tornar imperador é construir um templo em Roma para adoração do deus solar Elagabal (HERODIANO, *História do Império Romano*, V, 5, 8), divindade de sua cidade, Emesa, do qual seus ancestrais sírios, ele e o futuro imperador Severo Alexandre tinham uma tradição enquanto sacerdotes. Nesse templo uma pedra negra servia de estátua do deus. A adoração ao deus é tida como coisa de bárbaros pelos escritores do período, que nos dizem:

Os dois garotos [referindo-se aos futuros imperadores Heliogábalo e Severo Alexandre] eram sacerdotes do Sol, a quem veneram os habitantes daquela região com o nome fenício de Elagabal. Este povo construiu um grandioso templo, sem economizar no ouro e na prata, com muitas pedras. Não apenas lhe rendem culto os habitantes do lugar, mas todos os sátrapas vizinhos e os reis bárbaros, que cada ano enviam oferendas caras ao deus com o desejo de serem diferenciados. Não se vê nenhuma estátua, que represente o deus, feita pela mão do homem, como as dos gregos e as dos romanos. Há, no entanto, uma pedra enorme, de base redonda e com uma ponta em cima, cônica e negra. Garantem, com orgulho, que caiu do céu, e mostram pequenas saliências e incisões em sua superfície, acreditam que é a imagem do Sol, na qual a mão do homem não interviu. É assim que a veem (HERODIANO, *História do Império Romano*, V, 3, 4-5, grifos meus).

Conforme estudos arqueológicos, vemos a possível localização do templo de Elagabal no Palatino, o centro político-administrativo da cidade de Roma, embora não haja consenso entre os pesquisadores sobre este local (ARRIZABALAGA Y PRADO, 2014: 147). No entanto, os estudos arqueológicos localizam um templo para divindades de origens siríacas construído antes deste na região do Transtevere, também em Roma. Os artefatos encontrados neste local mostram o culto de Elagabal em Roma antes do governo de Heliogábalo, tendo sido construído no governo de Septímio Severo ou de Caracala (ARRIZABALAGA Y PRADO, 2014: 147), antecessores de Heliogábalo.

Temos também moedas que mostram a divulgação da devoção à Elagabal pelo antecessor de Heliogábalo, Caracala. Portanto, se a cultura material nos apresenta que já havia o culto à divindade solar de Emesa em Roma antes de Heliogábalo, minha pergunta é: por que Heliogábalo foi tão criticado neste sentido e seus antecessores não?

A *História Augusta* (Vida de Heliogábalo, III, 5) chega a comentar que Heliogábalo queria implantar um monoteísmo em Roma, o que os escritores seus contemporâneos não

comentam e que em uma análise apurada destes textos e da cultura material podemos ver o contrário. Há moedas cunhadas na época de Heliogábalo com referências aos deuses Marte, Cibele, Juno, Júpiter e Vênus, por exemplo (ARRIZABALAGA Y PRADO, 2014: 75). Mas, como mostra Erika Manders (2012: 147), estudiosa da numismática dos imperadores romanos, as moedas testemunham a força da religiosidade de Heliogábalo e do que ela chama de reformas administrativas que ele tenta implantar, havendo uma preponderância das representações de Elagabal. Não foi a implantação de um monoteísmo propriamente, mas Júpiter ficou para segundo plano, segundo Manders.

Além disso, percebo que Herodiano (*História do Império Romano*, V, 6, 3-5) comenta que Heliogábalo tentou casar Elagabal com Palas e depois com a deusa Urânia, deusa associada com a Atargatis síria. Leio esta passagem como uma espécie de encontro cultural que o imperador buscou desenvolver em seu governo, uma tentativa político-administrativa de conciliar elementos de sua cultura com elementos da cultura greco-romana, que contraria a ideia do monoteísmo da *História Augusta*. Portanto, Heliogábalo parece ter tentado desenvolver aspectos de encontro cultural entre sua cultura e as tradições romanas em suas práticas políticas.

Mas, segundo os escritores contemporâneos de Heliogábalo, o imperador colocou Elagabal acima do próprio deus Júpiter Capitolino (HERODIANO, *História do Império Romano*, V, 10; DIÃO CÁSSIO, *História Romana*, LXXX, 11), o que também aparece nas moedas de acordo com a análise de Manders.

As moedas apresentam ainda a festa em honra a Elagabal em Roma, um momento de grande horror aos olhos de Herodiano que nos descreve a cena com espanto:

Construiu [referindo-se a Heliogábalo] fora de Roma um enorme e magnífico templo, onde levava o deus todo ano no meio do verão. Instituiu todo tipo de festas e construiu circos para as corridas de cavalos e teatros [...]. Para conduzir o deus da cidade para fora, o colocava em uma biga coberta de ouro e pedras preciosas. A biga era constituída por seis grandes cavalos brancos sem manchas, com arreios de ouro e ricos ornamentos. Ninguém segurava nas rédeas, e ninguém estava na carruagem; o veículo era conduzido como se o próprio deus fosse o cocheiro da biga. Antonino corria de costas à frente da carruagem, olhando para o deus e segurando nas rédeas dos cavalos. Ele fazia toda a viagem nesta maneira contrária, olhando para a face do seu deus (HERODIANO, *História do Império Romano*, V, 6, 6-8, grifo meu).

Há moedas que atestam a existência de uma procissão que levava a pedra de Elagabal para os subúrbios de Roma.¹⁰⁰ Além disso, temos também estudos arqueológicos sobre a possibilidade de que dois sítios em Roma sejam uma *villa* suburbana, onde supostamente Heliogábalo realizava corridas de cavalos e um templo para Elagabal, também suburbano (ARRIZABALAGA Y PRADO, 2014: 147), sendo estes, para mim, possivelmente, o templo e o circo comentados por Herodiano.

De maneira geral, vejo que a forma como Heliogábalo cultuava Elagabal era uma marca da barbaridade no coração do Império, não era um monoteísmo, mas, apesar de sua tentativa de confluência cultural, marcava uma fronteira nos limites da ordem imperial romana que seus antecessores não haviam ultrapassado, ainda que tivessem levado o culto de Elagabal para Roma. Assim, vemos a construção de uma ideia de *superstitio* proveniente do Oriente e marcada como coisa de bárbaros.

Além disso, Heliogábalo se vestia e se comportava como bárbaro segundo as representações da documentação escrita, o imperador se negava a usar a toga característica da elite romana. Da mesma maneira, o imperador é mostrado dançando e se maquiando aos moldes bárbaros.

Além disso, ele era frequentemente visto, até mesmo em público, usando vestimentas bárbaras [τὴν ἐσθῆτα τὴν βαρβαρικὴν] que os sacerdotes sírios usavam, e isso foi a razão de receber o apelido de “O assírio” (DIÃO CÁSSIO, *História Romana*, LXXX, 11, 2, grifo meu).

Sua roupa estava entre as vestimentas dos sacerdotes fenícios e a luxuosa indumentária dos medos. Detestava os vestidos romanos e gregos porque, dizia, estavam feitos de lã, uma matéria prima pobre. Apenas gostava dos tecidos de seda. Aparecia em público ao som de flautas e tambores, sem dúvida em honra ao seu deus.

Ao vê-lo desta maneira, Mesa, se enfadava muito e, suplicante, tentava convencê-lo de que, ao se aproximar de Roma, com sua entrada no Senado, trocasse aquelas roupas por uma vestimenta romana. Temia que aquela roupa estranha e bárbara em todos os detalhes causasse desgosto nos que o vissem por não estarem acostumados. Temia que pensassem que aquilo não se tratava de coisas de homem, mas de mulher. Mas Antonino menosprezou o conselho da anciã e ninguém o convenceu (HERODIANO, *História do Império Romano*, V, 5, 4-6, grifos meus).

E coisas tidas como horríveis, porque bárbaras, são contadas como tendo sido cometidas pelo jovem Heliogábalo com sua mãe e avó juntas:

¹⁰⁰ Como a moeda catalogada em RIC IV, II, 196A, por exemplo.

Não descreverei os cantos bárbaros [τάς τε βαρβαρικὰς ᾠδὰς] que Sardanapalo junto com sua mãe e avó, cantaram a Elagabal, ou os sacrifícios secretos que ele ofereceu ao deus, matando garotos e usando encantamentos, na verdade, alimentando um leão, um macaco e uma serpente no templo dos deuses, jogando no meio deles órgãos genitais humanos, e praticando também outros ritos profanos, enquanto usava invariavelmente inúmeros amuletos. Importante elencar que ele foi ao absurdo extremo a ponto de cortejar uma mulher para Elagabal, como se o deus tivesse qualquer necessidade de casar e ter filhos (DIÃO CÁSSIO, *História Romana*, LXXX, 11; 12, grifo meu).

Filóstrato, na *Vida de Apolônio de Tiana*, em uma passagem interpretada por mim como metafórica, durante a narração sobre a estadia de Apolônio na Índia, apresenta a chegada na terra dos sábios brâmanes de um rei indiano de nome não mencionado. O rei chega junto com um alvoroço de pessoas, vestido cheio de pedras e fausto, como os persas segundo o texto, este rei é considerado desprovido de inteligência, falando coisas sem sentido, detestando os gregos e não falando a língua grega a ponto de precisar se comunicar com Apolônio usando um intérprete (*VA*, III, 31). A apresentação deste rei de nome não mencionado, para mim, é uma metáfora de Heliogábalo feita por Filóstrato, com suas roupas estranhas aos olhos dos gregos e romanos de elite, sempre acompanhado de muitos rumores sobre sua vida.

Da mesma maneira, Filóstrato apresenta na *Vida de Apolônio de Tiana* um rei indiano tido como ideal, Fraotes, conhecedor da língua grega e tendo ao seu lado os sábios indianos como professores e conselheiros. Já o rei indiano criticado, desprezava os sábios brâmanes conhecedores da cultura grega. Mais uma metáfora em relação a Heliogábalo e Severo Alexandre é feita em minha interpretação aqui.

Segundo Dião Cássio (*História Romana*, XXX, 3, 3), Heliogábalo desvirtuou os cargos políticos mais tradicionais e colocou homens sem experiências políticas e que nunca haviam estado em Roma em altos postos do governo, além de alguns de seus aliados serem afeitos em artes desprezíveis para um ocupante de cargos político-militares, como o caso de Públio Valério Comazon, o prefeito do pretório de Heliogábalo que gostava de atuar no teatro.¹⁰¹ Heliogábalo, conta Dião (*História Romana*, LXXX, 15, 4), chegou a ponto de querer nomear um liberto, no caso seu amante, como o próprio César. E, conforme Herodiano (*História do Império Romano*, V, 7, 6), Heliogábalo expulsou os

¹⁰¹ Como mostra Alföldy (1989: 150-151), a profissão de ator era uma das profissões ocupadas pelos membros das camadas inferiores urbanas no contexto do Principado, indigna de um prefeito do pretório, cargo de membros da ordem equestre.

mestres gregos e romanos de seu primo Severo Alexandre do palácio, chegando a matar alguns deles.

Verdade ou não, as ideias acima me fazem refletir sobre como os escritores da época defenderam que Heliogábalo ultrapassou os limites em relação às tradições de nomeações de cargos vinculadas ao jogo político entre imperador e elites, especialmente a elite senatorial romana. Heliogábalo também não respeitou, na visão dos autores, às práticas que valorizavam o cultivo dos costumes greco-romanos, espaço discursivo necessário para a ordem imperial, embasados na cultura e na identidade, como defendo.

Relacionando as passagens de Filóstrato sobre os reis indianos com as ideias de Dião Cássio e Herodiano apresentadas, podemos ver como o biógrafo de Apolônio de Tiana parece ter tentado mostrar, metaforicamente, como Heliogábalo errava não tendo ao seu lado homens sábios de cultura helênica como ele próprio e os sofistas, grupo do qual Filóstrato fazia parte, assim como errava o rei indiano criticado que menosprezava os sábios brâmanes. Nesta metáfora, portanto, Filóstrato parece concordar com as informações de Dião e Herodiano e com a visão negativa sobre Heliogábalo por seus comportamentos que fugiam totalmente dos costumes greco-romanos das elites imperiais.¹⁰²

Como vemos, portanto, o rei modelo ideal para Filóstrato, o indiano Fraotes, é aquele que se identifica com a cultura grega. Esse mesmo rei, assim como Heliogábalo e Severo Alexandre, também cultuava uma divindade solar. No entanto, em uma passagem bem interessante do Livro III da *Vida de Apolônio de Tiana* o outro rei indiano de nome não identificado que não conhece nada dos gregos, por sua vez, não apenas cultua uma divindade solar, mas se identifica como o próprio astro:

Apolônio, servindo de Iarcas como intérprete, disse:

- E o que você ganhou, rei, recusando a filosofia?

- O que eu ganhei? Toda a virtude e a identificação de mim mesmo com o sol.

Apolônio, então, para freiar seu orgulho e o calar disse:

- Se filosofasse não pensaria assim (FILÓSTRATO, *VA*, III, 28).

Em minha leitura, na passagem acima, possivelmente, Filóstrato quis identificar o rei indiano de nome não mencionado com o imperador Heliogábalo, que era tido por homens como Dião, Herodiano e Filóstrato como tirano, extravagante, exótico, bárbaro,

¹⁰² Em uma passagem de outra obra da autoria de Filóstrato, a *Vidas dos Sofistas* (*VS*, II, 624), o autor refere-se ao imperador Heliogábalo como tirano.

não conhecedor da cultura greco-romana uma vez que exaltava exageradamente a sua cultura da Síria e se identificava como o próprio sol. Além disso, o rei que se identifica com o sol, faz isso porque não conhece filosofia, segundo Filóstrato.

Dessa forma, leio a passagem escrita por Filóstrato sobre a relação dos dois reis indianos com a divindade solar como outra metáfora em relação aos imperadores Heliogábalo e Severo Alexandre. Aquele rei, Fraotes, que cultua a divindade é aceito e está dentro dos moldes do que as elites greco-romanas imperiais concordavam (o que fez Severo Alexandre), já o que se vê como o próprio deus, muito mais aos moldes do que os gregos e romanos consideravam como coisa dos tiranos e despóticos monarcas orientais, é considerado por Filóstrato um desconhecedor da filosofia, um ignorante (Heliogábalo), alguém desprovido dos conhecimentos da *paideia*, da *humanitas*.

Acredito que o culto solar de Heliogábalo em si nunca foi um problema para escritores como Filóstrato, o problema estava na identificação do imperador com o “astro rei”, principio e unidade centralizadora, metáfora do despotismo e da tirania, ideias que fogem da ordem esperada por membros das elites como os autores aqui tratados, os detratores de Heliogábalo.

A necessidade de manutenção da ordem por meio de um imperador habituado aos costumes greco-romanos, ou seja, a necessidade de manutenção de um espaço discursivo da cultura greco-romana que deveria ser respeitado pelos imperadores, está claro na passagem abaixo, de Herodiano. Na passagem, vemos Júlia Mamea tentando mudar os planos educacionais para o sucessor de Heliogábalo, Severo Alexandre, o diferenciando do primo:

Mas Mamea, lhe retirou daquelas atividades vergonhosas e impróprias de um imperador; buscou em segredo mestres de todas as disciplinas e o exercício de práticas de moderação ao mesmo tempo em que o habituava nas palestras e nos exercícios viris, lhe dando uma educação grega e romana (HERODIANO, *História do Império Romano*, V, 7, 5, grifos meus).

Como vemos, então, Heliogábalo é considerado um bárbaro e é muito diferente da imagem que será trazida em Dião Cássio e Herodiano sobre seu primo Alexandre, que mesmo vindo também da Síria, recebe uma educação greco-romana e se adequa aos modelos esperados para um bom governante neste sentido. Alexandre tem ao seu redor sábios como professores e conselheiros entre os melhores senadores, na visão de Dião, e não sírios tidos como desconhecedores dos costumes greco-romanos como teve Heliogábalo:

Quando o Falso Antonino foi posto para fora do caminho, Alexandre, filho de Mamea, e seu primo, herdou o poder supremo. Ele imediatamente proclamou sua mãe Augusta, e ela assumiu a direção dos negócios e reuniu os sábios ao redor de seu filho, a fim de que seus hábitos pudessem ser corretamente formados por eles, ela também escolheu os melhores homens do senado como conselheiros, informando-os sobre tudo o que tinha que ser feito (DIÃO CÁSSIO, *História Romana*, LXXX, Fragmento, grifo meu).

E Alexandre também tem consigo os valores da *humanitas*, o estado de humanidade: “Alexandre era essencialmente afável e pacífico, inclinado sempre à humanidade, como demonstrou no decorrer dos anos” (HERODIANO, *História do Império Romano*, VI, 6). Já o bárbaro Heliogábalo não segue, conforme seus detratores, os valores da *humanitas*, componente central que a aristocracia da época republicana romana se utilizava para se mostrar merecedora do Império, espécie de mito inventado pelos gregos e difundido no pensamento romano (WOOLF, 1994: 141), configurado como uma reescrita dos códigos dos costumes tradicionais (*mos maiorum*).

Assim, como podemos ver, a defesa dos valores da *humanitas* continua sendo importante para a aristocracia imperial ainda no século III da era comum, mesmo com a ascensão de elites provinciais a cargos imperiais, como a dinastia severiana exemplifica tão bem.

Além disso, é preciso destacar que uma visão negativa geral dos sírios/assírios parece ter sido comum durante o Império Romano.¹⁰³ Veyne (2009: 128) nos conta que temos, por exemplo, uma gravação em um rochedo em Palmira de um militar romano ou bizantino aquartelado com os seguintes dizeres: “Os sírios são uma raça suja (*kakon genos*)”. O poeta satírico Juvenal também destilou sua visão negativa contra os sírios como poluidores do rio Tibre (*Sátiras*, III, 60). É inegável que essa visão negativa de Heliogábalo como sírio/assírio recaiu sobre o imperador, uma vez que *assírio* chega a ser a forma como ele era chamado (DIÃO CÁSSIO, *História Romana*, LXXX, 11, 2).

Dessa forma, os feitos político-administrativos do governo de Heliogábalo tidos como contrários a aspectos da ordem proposta por esta elite tradicional governante, misturados às suas práticas religiosas e costumes culturais de sua região de origem, são todos tomados e problematizados como fruto de sua identidade cultural síria/assíria

¹⁰³ Percebo que os escritores romanos parecem ligar culturalmente sírios aos assírios, chamando sírios muitas vezes de assírios, já que a Síria fora parte do território do Império Assírio, território depois conquistado por povos iranianos e parte pelo Império Romano. Filóstrato faz esta ligação em diversas passagens de sua obra, chamando sírios de assírios.

bárbara, já marcada negativamente na mentalidade romana, além da recusa do imperador em aceitar os valores da *paideia/humanitas*.

Heliogábalo e o *topos* literário do mau imperador (*pessimus princeps*)

Além dos elementos da identidade cultural de Heliogábalo destacados, diante do que foi apresentado, podemos perceber que grande parte das ideias que são trazidas pelos autores trabalhados neste artigo sobre esse imperador já estavam presentes na tradição de imagens dos primeiros imperadores do Principado considerados ruins pelos escritores de linhagem senatorial.¹⁰⁴ No caso, os imperadores Calígula (37-41), Nero (54-68) e Domiciano (81-96), especialmente. Entre estas características estão orgulho, ódio, perseguição à aristocracia, crueldade, se sentirem divindades ainda vivos e depravação sexual, como mostrou Alois Winterling (2012).

Portanto, temos um *topos* retórico da imagem dos maus imperadores nos textos. O imperador deveria ser a encarnação ideal das antigas virtudes romanas, sendo as principais delas: *virtus*, *clementia*, *iustitia*, *pietas* (ALFÖLDY, 1989: 116). O que Heliogábalo, definitivamente não cumpria, conforme a visão dos escritores dos textos trabalhados.¹⁰⁵ O que há de diferente em Heliogábalo, para mim, é o grau de barbaridade de suas práticas, a maneira como os escritores ligam suas práticas à sua identidade cultural.

Conforme Winterling (2012: 7) é preciso perceber adequadamente as tensões a partir das quais surgem denúncias como as que ele se refere como um *topos* literário em torno dos maus imperadores. No caso de Heliogábalo, penso que tais tensões têm como fundamento suas práticas políticas, religiosas e administrativas estranhamente consideradas como bárbaras pelos escritores, fugindo do modelo comum de ordem baseado em certo reconhecimento identitário entre os grupos das elites, ainda que estes grupos fossem muito diversos dentro de uma mesma província ou cidade do Império.

¹⁰⁴ Alois Winterling (2012: 6) nos destaca muito bem que: “Praticamente todos os relatos sobre os imperadores conhecidos por nós provêm de autores que eram membros da ordem senatorial ou equestre. O mesmo vale, sem dúvida, para aqueles autores, que desconhecemos, das invectivas, que escreveram com “ódio recente”. Eles eram, portanto, os membros da sociedade aristocrática que – por exemplo, nas recepções na corte – estava em contato direto e regular com os imperadores e que foram imediatamente afetados pelo comportamento imperial em suas oportunidades sociais – através de patronato ou acusação”.

¹⁰⁵ Em Dião Cássio temos apenas um elogio a Heliogábalo quanto às virtudes do bom imperador, que é quando o historiador mostra uma atitude de clemência do *princeps* diante dos que falavam mal de Caracala (*História Romana*, LXXX, 3, 2). No entanto, em outras passagens da obra as atitudes de clemência desapareçam totalmente das práticas de Heliogábalo.

É preciso enfatizar que Heliogábalo desvirtua cargos tradicionais de Roma, como apresentamos, colocando em postos, como no de prefeito do pretório, e dentro do Senado, membros das elites sírias, pessoas facilmente consideradas bárbaras como ele dentro do jogo de poder do governo romano. Este elemento do governo de Heliogábalo, para mim, quebra com o que Winterling (2012) apresenta como uma espécie de pacto que fora selado entre a aristocracia senatorial com o imperador Augusto (27 AEC-14 EC) para a construção e manutenção do governo do *princeps*.¹⁰⁶ Conforme tal “pacto”, o imperador deveria comportar-se como um senador comum, viver de forma moderada em termos materiais, honrar o Senado e os senadores, garantindo a distribuição de poder entre as camadas superiores, ainda que por meio de cargos assumidos temporariamente sob a indicação direta do próprio imperador (WINTERLING, 2012: 11-10). Em minha leitura, esse parece ser um ponto que incomoda muito Dião Cássio ao falar de Heliogábalo. Dião se incomoda principalmente com quem passa a ocupar o importante cargo de cônsul, o que não devemos estranhar já que Dião fora cônsul mais de uma vez.

Luxo, ostentação e grandeza aparecem em comentários de Dião Cássio sobre Heliogábalo, como, por exemplo, nessa passagem: “Uma estátua de ouro do Falso Antonino [referindo-se a Heliogábalo] foi erguida, e se difere pela sua grandeza e excesso de adornos” (*História Romana*, LXXX, 12, 2, 2). E atitudes de Heliogábalo que passavam por cima do Senado também são mencionadas pelo historiador, como o uso de títulos não recebidos mediante votação no Senado e o ato de Heliogábalo assumir o cargo de cônsul sem ter sido eleito (*História Romana*, LXXX, 8, 1).

Ainda conforme Winterling (2012: 12): “Os ‘bons’ imperadores de Roma tentaram fazer com que suas posições excepcionais como imperadores fossem evidentes o menos possível para assim ganhar aceitação aristocrática.” Tal posição certamente não foi assumida por Heliogábalo que, conforme a própria cultura material mostra, conduzia uma procissão para seu deus, manda construir para ele um templo no Palatino, o coração da cidade de Roma, exalta sua divindade de forma bárbara em moedas e é visto como se sentindo a própria divindade, etc.

As críticas a Heliogábalo aqui tratadas, portanto, estão centradas em uma quebra de elementos fundamentais da ordem identitária e da política de governabilidade selada entre

¹⁰⁶ Sobre a ideia de um consenso entre a aristocracia imperial e o imperador Augusto criando um elemento central das bases de sustentação político-administrativa da ordem romana, Dião Cássio deixa isso claro ao comentar que para tornar-se imperador Heliogábalo enviou uma carta para o Senado em Roma onde: “Afirmou que ele sempre, e em todas as coisas, emularia Augusto e comparou a juventude dele a sua própria e a de Marco Antonino” (*História Romana*, LXXX, 1, 3, grifo meu).

imperador e aristocracia senatorial nos tempos do imperador Augusto, política esta que via como maus imperadores àqueles que “não tentaram esconder suas posições excepcionais como imperadores sob uma fachada de República reconstituída” (WINTERLING, 2012: 20).

Considerações finais

Para concluir este texto, conclusão essa que, entretanto, ainda me renderá reflexões nos trabalhos vindouros, frutos deste projeto maior em estudar Heliogábalo, é preciso destacar que, como vimos no começo deste artigo, Dião Cássio era um senador com grande inserção nos postos mais altos da administração do Império, como o de cônsul e de governador de província. Herodiano era um funcionário atuante dentro das esferas da burocracia imperial. E Filóstrato foi, possivelmente, *ab epistulis* da corte severiana anterior a Heliogábalo. Portanto, os três escritores estavam dentro das redes de disputas por cargos, poder e *status*, estavam envoltos e dependiam de benesses do imperador. Sendo assim, estes escritores não deixariam um imperador que toma medidas políticas e administrativas que os contrariam, como Heliogábalo, passar sem críticas.

As críticas a Heliogábalo se revertem em elogios a Severo Alexandre, o oposto do primo que o adotara como filho e sucessor, modelo de bom governante (*optimus princeps*) nos autores estudados. Assim como há o modelo de mau imperador, há, portanto, seu contra modelo, o que deveria ser seguido.

Por fim, podemos ver que os imperadores citados acima como tendo sido considerados maus pela tradição textual foram assassinados brutalmente e também receberam a danação da memória (*damnatio memoriae*) após sua morte (WINTERLING, 2012: 5), assim como aconteceu com Heliogábalo, morto violentamente em 222, tendo seus retratos públicos apagados da memória e seus atos invalidados pelo seu sucessor.

Referências bibliográficas

a) Documentação

CASSIUS DIO. *Dio's Roman History*. Traduzido por Earnest Cony. London/Harvard William Heinemann, Harvard University Press, s/d.

FILÓSTRATO, F. *Vida de Apolônio de Tiana*. Tradução, introdução e notas de Alberto Bernabé Pajares. Madrid: Editorial Gredos, 1979.

_____. *Vidas de los Sofistas*. Introdução, tradução e notas de María Concepción Giner Soria. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HERODIANO. *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurélio*. Traducción y notas por Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de J. Brito Broca. São Paulo: Ediouro, 2001.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução Trajano Vieira. São Paulo: 34 Letras, 2011.

_____. *Iliada*. Tradução F. Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras/Penguin, 2013.

JUVENAL. *Sátiras*. Edición bilingüe de Rosário Cortés Tovar. Madrid: Ediciones Cátedra, 2007.

PHILOSTRATUS. *The Life of Apollonius of Tyana*. Editado e traduzido por Christopher P. Jones. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 2005, Vol. I.

_____. *The Life of Apollonius of Tyana*. Editado e traduzido por Christopher P. Jones. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 2005, Vol. II.

SCRIPTORES. “Severus Alexander”. In: _____. *The Historia Augusta*. Tradução de David Magie. Loeb Classical Library edition. Disponível em: <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Historia_Augusta/home.html>. Acesso em: 10 out. 2017.

SCRIPTORES. *Histoire Auguste*. Tome III, 1re partie: Vies de Macrin, Diaduménien et Héliogabale. Texto estabelecido, traduzido e comentado por R. Turcan. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

b) Obras gerais

ALFÖLDY, G. *A História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.

ANDERSON, G. “The pepaideumenos in the Action: Sophists and their Outlook in the Early Empire”, *Aufstieg Und Niedergang Der Römischen Welt*, Berlim, 33.1, 1989, p. 79-256.

ARRIZABALAGA Y PRADO, L. *The Emperor Elagabalus*. Fact or Fiction? Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

BOWERSOCK, G. W. *Greek Sophists in the Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1969.

CARDOSO, C. F. “Etnia, nação e a Antiguidade: um debate.” In: NOBRE, C. K.; CERQUEIRA, F. V.; POZZER, K. M. P. (Edits.). *Fronteiras e Etnicidade no Mundo Antigo*. Pelotas/Canoas: Editora da UFPel e Editora da ULBRA, 2005, p. 87-104.

CROOK, J. *Consilium Principis*. Imperial councils and consellers from Augustus to Diocletian. New York: Arno Press, 1975.

FLINTERMAN, J. J. *Power, Paideia & Pythagoreanism: Greek identity, conceptions of the relationships between philosophers and monarchs and political ideas in Philostratus' Life of Apollonius*. Amsterdam: J. C. Gieben, 1995.

GONÇALVES, A. T. M. *A oposição aos Imperadores durante o período dos Severos: uma análise da obra de Herodiano*. Dissertação de Mestrado defendida na USP, 1996.

_____. “Heliogábalo: Culto Oriental e Oposição Senatorial”, *História*, São Paulo, 17/18, 1998/1999, p.147-159.

HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

HUSKINSON, J. “Looking for culture, identity and power.” In: HUSKINSON, J. (ed.). *Experience Rome. Culture, identity and Power in the Roman Empire*. New York: Routledge, 2000, p. 03-27.

_____. “Elite culture and the identity of Empire.” In: HUSKINSON, J. (ed.). *Experience Rome. Culture, identity and Power in the Roman Empire*. New York: Routledge, 2000, p. 95-123.

ICKS, M. “The depraved devotion of Elagabalus: Images of the priest-emperor in the visual and Performing arts.” In: CARLÀ, F.; BERTI, IRENE (Eds.). *Ancient Magic and the supernatural in the Modern Visual and Performing Arts*. London/New York: Bloomsbury, 2015, p. 211-224.

MACMULLEN, R. *Enemies of the Roman Order. Treason, unrest and alienation in the Empire*. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 1966.

MANDERS, E. *Coining Images of Power. Patterns in the Representation of Roman Emperors on Imperial Coinage, A.D. 193–284*. Leiden/Boston: Brill, 2012.

MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E.; SUTHERLAND, C. (Edts.). *The Roman Imperial Coinage*. Vol. IV, Part II. Macrinus to Pupienus. London: Spink & Son LTD, 1938.

MOMIGLIANO, A. *Os limites da Helenização*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

PUECH, B. “Lucius Flavius Philostratus.” In: _____. *Orateurs et Sophistes Grecs dans les inscriptions d’époque impériale*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2002, p. 377-383.

SAID, E. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

SCOTT, J. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SILVA, S. C. *O Império Romano de Filóstrato nas viagens da Vida de Apolônio de Tiana*. Tese de Doutorado defendida na UNESP/Franca, 2014.

TEIXEIRA, C. “Heliogábalo e o culto do Sol: ascensão e queda de uma divindade.” In: FIALHO, M. C.; D’ENCARNAÇÃO, J.; ALVAR, J. (Coords.). *O Sol Greco-romano*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos/Centro de Estudos Arqueológicos

das Universidades de Coimbra e Porto/ Universidad Carlos III – Instituto de Historiografia Júlio Caro Baroja, 2008, p.193-201.

VEYNE, P. “*Humanitas: romanos e não romanos*”. In: GIARDINA A. (Dir). *O homem romano*. Lisboa: Presença, 1992, p. 281-302.

_____. *O Império Greco-Romano*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

WALLACE-HADRILL, A. “The imperial court.” In: BOWMAN, A. K.; CHAMPLIN, E. LINTOTT, A. (Orgs.). *The Cambridge Ancient History, The Augustan Empire, 43 BC – 69 AD*. New York: Cambridge University Press, 1996, Vol. X, p. 283-306.

_____. *Rome’s Cultural Revolution*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2008.

WINTERLING, A. “Loucura Imperial na Roma Antiga”, *História*, São Paulo, v.31, n.1, 2012, p. 4-26.

WOOLF, G. “Becoming roman, staying greek: Culture, identity and civilizing process in the Roman East”, *PCPhs*, 40, 1994, p. 116-143.

_____. *Becoming Roman*. The origin of provincial Civilization in Gaul. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.